

Diálogo de muitas vozes

SILVIA MARIA AZEVEDO

SILVIA MARIA AZEVEDO é professora de Teoria Literária do Departamento de Literatura da Unesp – Assis.

Um Romantismo a Oeste: Modelo Francês, Identidade Nacional, de Ana Beatriz Demarchi Barel, São Paulo, Annablume/Fapesp, 2002.



o livro *A Conquista da América: a Questão do Outro*, Todorov distingue duas componentes na atitude de Colombo em relação aos índios, configuradora da percepção que, do século XVI até os nossos dias, vai marcar o comportamento de todo colonizador diante do colonizado: ou ele pensa os índios como seres humanos com direitos não somente iguais mas idênticos aos dele, o que desemboca na projeção dos próprios valores sobre o outro; ou então considera os índios seres inferiores, sendo-lhes recusada uma substância humana outra, e não um estado imperfeito de si. E acrescenta: “Estas duas figuras básicas da experiência da alteridade (similitude e diferença) baseiam-se no egocentrismo, na identificação de seus próprios valores com os valores em geral, de seu eu com o universo; na convicção de que o mundo é um” (1).

1 T. Todorov, *A Conquista da América: a Questão do Outro*, 3ª ed., tradução de Beatriz Perrone Moisés, São Paulo, Martins Fontes, p. 41.

Os viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil ao longo do século XIX, e deixaram registradas em obras suas impressões a respeito do país, são uma outra versão da atitude egocêntrica do colonizador em relação ao colonizado, o que se pode ler em títulos como *Viagem Pitoresca através do Brasil*, de Rugendas (nome também da obra do francês Alcide Orbigny), *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, de Debret, *Brasil Pitoresco*, de Ribeyrolles, o adjetivo “pitoresco” (em referência a *pittoresco*, que diz respeito a pintura) designando a publicação com gravuras, que se queriam “bem caracterizadas”, poder-se-ia acrescentar, sentido este que vai ao encontro de uma imagem exótica de Brasil (espaço de sonho, natureza luxuriante, mundo virginal), forjada pelo imaginário europeu, a direcionar os olhos do viajante. É esse olhar pré-formado a respeito do país que Flora Süssekind, no já conhecido *O Brasil Não É Longe Daqui: o Narrador, a Viagem* (2), irá identificar nos relatos de viagem e nas pranchas dos desenhistas em trânsito, ponto de partida da investigação a respeito da formação do narrador da ficção brasileira, das décadas de 1830 e 1840 até o narrador machadiano, que se desfaz dos mapas e roteiros do outro inaugural.

Num certo sentido, o trabalho de Ana Beatriz Demarchi Barel, *Um Romantismo a Oeste: Modelo Francês, Identidade Nacional*, dialoga com o da pesquisadora carioca, na medida em que, ao estudar o conceito de identidade nacional, a partir do modelo cultural francês, vai também constatar, como consequência dessa escolha, a criação (ou antes, pré-criação) de um retrato edênico de Brasil, em relação ao qual os nossos românticos procurarão adequar-se. O ponto de partida da pesquisa é a célebre *Niterói* que, criada em Paris em 1836, inaugura o ideário estético-romântico no país, na interpretação canônica das histórias da literatura brasileira. Para Ana Beatriz, a fundação da revista atendia antes a propósitos de cunho diplomático-documental do que (ou não somente, pode-se acrescentar) literário-artístico-científico. Nesse sentido, o trabalho privilegia uma investigação cuja

originalidade está em percorrer os caminhos institucionais da fixação e irradiação de idéias novas, tendo em vista os centros de controle político e econômico, no caso, a França, como forma de interpretar o processo de implantação da identidade nacional.

Os passos dessa trama (nada foi obra do acaso, como mostra a pesquisadora) compreendem viagens: a ida dos protegidos de D. Pedro II, o chamado Grupo de Paris (Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto-Alegre, Torres-Homem) para a França, a vinda de Ferdinand Denis ao Brasil; intermediações, como a de Monglave, fundador do Instituto Histórico de Paris, e introdutor dos jovens brasileiros no Instituto; documentos fundadores: a revista *Niterói*, o ensaio sobre a história da literatura do Brasil – estudo preliminar (que Magalhães apresentou no Instituto Histórico de Paris), o *Resumo da História Literária de Portugal, Seguido da História Literária do Brasil*, de 1862, de Ferdinand Denis. Estes interpretados, os dois primeiros, em particular, como documentos de caráter oficial que, apresentados na França diante dos meios intelectuais e diplomáticos, reforçavam “a adoção de parâmetros franceses de construção de saber e de fazer cultural” (p. 32); o terceiro, como um projeto de nacionalidade literária astuciosamente arquitetado (se é possível falar nesses termos), na medida em que, encontrando-se no Brasil, às vésperas da Independência, o viajante francês soube captar a necessidade por que passava o país de construir nova configuração de/para si.

Se, ao tempo do domínio português, a imagem de Brasil era aquela imposta pelo colonizador, a de colônia dependente, o que impedia o colonizado de se enxergar, a conquista da independência e, com ela, a substituição do modelo português pelo modelo francês mergulham o país numa visão em que igualmente não se reconhece. Daí o “descompasso”, os “impasses”, para falar com Roberto Schwarz, como também o “entre-lugar”, a partir de Silviano Santiago (duas fortes presenças teóricas no trabalho), a marcar os projetos de constituição da identidade brasileira em Alencar,

2 São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

Taunay, Machado de Assis e Sílvio Romero, o *corpus* analítico de *Um Romantismo a Oeste*.

Em Alencar, “um estrangeiro em seu próprio país” (p. 120), o estudo comparativo consistiu em aproximar *Iracema*, *Lenda do Ceará*, de *Scènes de la Nature sous les Tropiques*, em particular, o capítulo “Les Machakalis” (presença até então apenas sugerida pelos críticos), de onde o romancista cearense, na leitura de Ana Beatriz, recupera muitas sugestões que serão trazidas para o romance de 1865, entre elas: a descrição da natureza tropical, o resgate das tradições autóctones, seus hábitos e costumes, o contato com o colonizador e as conseqüências nefastas para a população indígena, a reconstituição de narrativa oral, o amor impossível entre dois representantes das duas raças, Iracema e Martim, no caso do brasileiro, o chefe dos machakalis e Helena, na criação do francês.

No modelo seguinte, *Inocência* (1872), de Taunay, os ensinamentos de Denis, embora ainda presentes, ganham outro aproveitamento, tendo em vista a “dessacralização do universo natural tropical” (p. 169) por conta da elaboração poética do material etnográfico, o que distancia a obra do relato de viagens. Ainda assim, confirmar-se-ia a superioridade do estrangeiro sobre o local, na leitura em contraponto dos desempenhos de Cirino e do naturalista Meyer – o primeiro, um doutor do povo, da ciência popular, do saber informal, o segundo, um doutor dos livros, da ciência oficial, do saber legal –, e do desenlace simbólico do romance, a morte de Inocência e a história da borboleta, natureza x ciência, moça x inseto, morte x vida. Mas em *Inocência* não apenas o “descompasso” senão também o “entre-lugar” identificam o projeto de nacionalidade, na interpretação do “doutor” Cirino cujo saber, localizado entre a ciência e a ignorância, personificaria a situação do Brasil e da cultura brasileira, entre o local e o estrangeiro.

Com Machado de Assis, o Brasil passa a “ser visto de dentro”, no lugar da natureza tropical, o mundo urbano e, com ele, a apresentação de novas relações sociais, vi-

vidas por uma classe social em formação, a burguesia. A obra escolhida, *Iaiá Garcia*, é aproximada do ensaio “Instinto de Nacionalidade”, em que Machado faz a defesa do caráter universal da literatura brasileira para escapar do destino redutor do exotismo e da cor local. O que permite interpretar o romance de 1878 como tentativa de o escritor pôr em prática o programa estético-literário para o qual acenava no ensaio de 1873. Nem por se configurar como espaço de reflexão sobre a ascensão da burguesia no Brasil em fins do século XIX, *Iaiá Garcia* consegue se livrar dos “impasses” que vêm marcando os projetos de nacionalidade analisados. É o paternalismo, a lógica do favor, as relações de dependência (na leitura ainda em chave de Roberto Schwarz) que, encarnados em Valéria, vão atingir todas as personagens do livro, com exceção de Estela, que se recusa à comodidade das relações patriarcais e de favor e opta pelo trabalho de professora, contraponto perfeito à atuação de Iaiá, que aceita as regras da sociedade brasileira para ascender socialmente: o casamento (por interesse) com Jorge.

Sílvio Romero, na companhia de Machado de Assis, encerra a trajetória investigativa a respeito da identidade nacional empreendida em *Um Romantismo a Oeste*. A pesquisa agora se volta para a área do folclore e elege o conto popular como expressão da identidade nacional, justificando a inclusão da obra *Contos Populares do Brasil* (1885), com destaque para os “contos de origem africana e mestiça”. No lugar do índio, que Romero nunca aceitou como autêntico representante da cultura brasileira, entra em cena o mestiço, com o qual será identificada a identidade nacional. O “descompasso” aqui se dá entre a valorização do negro, pelo folclorista sergipano, e a desvalorização daquele como raça inferior, na concepção da teoria das raças elaborada nos países de centro e geradores de cultura. A saída foi Sílvio Romero interpretar o mestiço como “agente transformador”, ele também, produto de uma transformação, elo fundamental no processo de branqueamento do país. É essa contradição

examinada no conto “O Negro Pachola”, história do negro Pai José, que, com a morte do dono, torna-se administrador do engenho onde trabalhava e, pelas ousadias cometidas, vai voltar a ser escravo, a mando da viúva. Aproximado do ciclo de piadas de escravos alforriados que passaram a circular no Brasil durante a campanha abolicionista, o conto faz lembrar da obra de Joaquim Manuel de Macedo, *Vítimas Algozes* (1869), em que se fala do fantasma que passou a povoar o imaginário dos proprietários de escravos: o da usurpação do poder pelo negro. O contexto da Abolição, no entanto, instaura igualmente uma situação intermediária para os escravos recém-libertados, a exemplo da experiência do entre-espço vivida por Pai José, situado entre o mundo do branco e o mundo do negro. A análise do projeto identitário brasileiro em chave de teoria das raças se completa pela comparação do conto “O Negro Pachola” com uma crônica de Machado de Assis, da série “Bons Dias!”, publicada em 19 de maio de 1888, na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. A história da libertação do escravo Pancrácio pelo proprietário, narrada na perspectiva do narrador “volúvel” machadiano, permite identificar o “capricho despótico”, ainda na fala de Schwarz, como traço definidor da elite brasileira da segunda metade do século XIX.

Como é de se esperar, trabalhos como esse de Ana Beatriz não terminam, são pesquisas em processo, tendo em vista a amplitude, complexidade e inter-relações do tema abordado – o livro *Um Romantismo a Oeste*, ele mesmo continuação do mestrado desenvolvido no Brasil, *Recolhas de Contos da Tradição Oral: a Rainha Moura Virada no Avesso* (IEL-Unicamp, 1995). Daí os projetos que, a partir deste, a ensaísta aponta para futuros pesquisadores (gesto de generosidade, rara no meio acadêmico), dentre os quais a vinda de intelectuais franceses ao país (Missão Artística, família Taunay), presença a ser rastreada junto a órgãos oficiais e diplomáticos (consulados, embaixadas, ministérios); a influência de Ferdinand Denis em José de Alencar; a configuração do público leitor de imigrantes,

por intermédio da literatura produzida no Brasil na segunda metade do século XIX.

Sendo a coerência o traço de continuidade entre ambos os trabalhos de pós-graduação, é possível identificar certas particularidades que diferenciam o mestrado do doutorado: o primeiro desenvolvido e apresentado no Brasil; e o segundo realizado e defendido na França, aí também publicado em outubro de 2001, com o apoio do Ministério da Educação Nacional do governo francês. Ainda em relação a este, outro aspecto diferenciador é o procedimento metodológico que se presta a ser interpretado como indício da relação assimétrica: colonizador-colonizado. Por exemplo, as longas citações de autores brasileiros e franceses. Aquelas explicadas (pode-se supor) pelo fato de o leitor francês conhecer pouco a literatura brasileira; estas, no pressuposto de que o leitor brasileiro lê francês (o que acontecia até o começo do século XX, mas não hoje, sendo o inglês a língua estrangeira dominante). Está claro que são várias as razões para se manter, no corpo de um trabalho, as citações na língua original, uma delas a manutenção do pensamento do autor. O que se está apontando, no entanto, é o ponto de vista ideológico, a relação egocêntrica do colonizador em relação ao colonizado, explorada nas análises em termos de “descompasso” e “entre-lugar”.

Se, do ponto de vista dos franceses, nas palavras de Jacqueline Penjon, “é uma pena que certos textos, de acesso difícil, não tenham sido publicados neste livro” (a orientadora refere-se à ausência, na edição da Annablume, do conto “O Negro Pachola” e da crônica de Machado de Assis), do ponto de vista dos brasileiros, o mesmo pode-se dizer em relação a certos textos, como *Lettres Familères et Fragment du Journal Intime de Ferdinand Denis à Bahia, 1816-1819*: é uma pena que não tenham sido traduzidos para o português.

Mais um motivo para que Ana Beatriz Barel, em continuidade aos trabalhos que vem desenvolvendo, venha a se interessar pela tradução das cartas e do diário íntimo de Denis. O leitor brasileiro aguarda e agradece.